

## Brasília e arte urbana pelo grafite: escrevendo uma nova Cidade Invisível

Daniela Pereira Barbosa\*

Universidade de Brasília

### Resumo

A presente pesquisa é o resultado de teoria e prática envolvendo literatura, *internet* e grafite. A partir de leituras e constatações da obra literária *As Cidades Invisíveis* de Italo Calvino, iniciamos comparações entre as cidades imaginadas do livro e as cidades contemporâneas, que carregam diversas características daquelas descritas no livro. Brasília, como principal objeto de estudo, apresenta várias dessas características, a depender da percepção do observador; e nos propomos, inspirados na obra de Calvino, a escrever uma nova Cidade Invisível a partir de uma das faces da Capital Federal: escolhemos a Arte Urbana, especificamente a linguagem do grafite como base para o conto a ser escrito. Quanto à metodologia, como meio para se adentrar nesta face da cidade, elegemos a tecnologia e o compartilhamento das imagens pelas redes sociais. No final, compilamos as imagens encontradas e, juntamente com a visão pessoal da pesquisadora/viajante dessa Cidade Invisível, propusemos a escrita de um novo conto com características de Brasília, tendo Calvino como inspiração literária.

### Palavras-chave

Brasília; Grafite; Calvino; Tecnologia, Cidades invisíveis.

## Brasilia and urban art through graffiti: writing a new Invisible City

### Abstract

This research is the result of theory and practice involving literature, internet and graffiti. Starting from readings and evidences from Italo Calvino's book *The Invisible Cities*, we started comparisons between imagined cities from the book and contemporary cities, which carry plenty of characteristics described in the book. Brasilia, as the main object of study, has also several of these characteristics depending on the viewer's perception; and we propose to, inspired by the works of Calvino, write a new Invisible City showing one side of Brazilian's Capital. We chose Urban Art, specifically graffiti's language, as basement for the story to be written. Concerning the methodology, as a way to enter in this face of the city, we've chosen technology and sharing of images through social networks in Brasilia. To complete, we have compiled the images found and, along with the personal vision of the researcher / traveler in this Invisible City, we propose writing a new tale with characteristics of Brasilia, having Calvino as inspiration to literature style.

### Keywords

Brasilia; Graffiti; Calvino; Technology, Invisible cities.

---

\* Mestre em Design, Tecnologia e Sociedade, Universidade de Brasília, 2015. Email: barbosa.dnl@gmail.com

*Em sua condição de mundo artificial, é assim que a  
cidade deveria ser: edificada com arte.*

Kevin Lynch. A Imagem da Cidade

## 1. Introdução

A arte urbana pode ser vista como uma das várias maneiras de os habitantes contarem suas histórias na cidade e, a partir desta manifestação artística, temos como produto final a própria cidade, que é capaz de contar em suas próprias estruturas urbanas, uma das suas faces e uma visão de sua história. Ambientados neste conceito e considerando a possibilidade de que cidades contam histórias, temos como ponto de partida a análise da obra literária *Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino (1990). O autor nos apresenta uma série de cidades que são descritas de maneira fantástica pelo personagem Marco Polo, um viajante que pretende ilustrar ao imperador mongol Kublai Khan todas as cidades de seu império, sendo Marco Polo o responsável por viajar em missão diplomática e conhecer todo o império de Kublai para depois contar-lhe como são as várias cidades que encontra.

Calvino nos apresenta uma série de cidades descritas de maneira extraordinária, cujas características exporemos na análise a seguir. Após a crítica da obra literária, oferecemos uma apreciação do conceito de arte urbana, com foco no grafite, suas possibilidades e significados; sejam eles políticos, culturais ou artísticos. Por fim, a partir de constatações do que a cidade de Brasília tem a oferecer em termos de arte urbana, especialmente enquanto “cidade do grafite”, procuramos entender a história contadas pela cidade, escrevendo uma nova *Cidade Invisível*. Apesar do produto final deste artigo ser um conto literário, é importante destacar que não pretendemos aqui igualar-nos a Calvino e sua obra enquanto literatura, mas apenas demonstrar, como o próprio autor sugere, que as suas *Cidades Invisíveis* são capazes de representar todas as cidades e, ao mesmo tempo, nenhuma.

A partir deste conceito, parece-nos coerente afirmar que as cidades têm a capacidade de nos contar sua história por meio também da arte. Nossa pesquisa

apresenta a análise da expressão dos habitantes na cidade de Brasília em dois momentos principais: primeiramente por meio do grafite, quando o grafiteiro utiliza as estruturas da cidade para expressão de sua arte e, em um segundo momento, quando o habitante registra esta arte por meio de fotografia e a compartilha pelas redes sociais, divulgando a expressão do artista enquanto grafiteiro. Nossa principal contribuição neste trabalho, além de apresentar inquietações envolvendo Calvino e Brasília, é o produto final: o conto literário; pois se insere enquanto expressão da arte, trazendo as *Cidades Invisíveis* de Calvino para Brasília, e cooperando para que literatura, grafite e tecnologia dialoguem entre si e com o leitor, envolvendo assim diversos atores da cidade.

### 1.1 As Cidades Invisíveis: uma breve análise

Na obra literária de Calvino temos Marco Polo, o viajante que descreve para o imperador Kublai Khan, sempre de maneira fantástica e lúdica, as cidades de seu Império. As descrições aparecem muitas vezes como críticas, constatações, lamentações e alegrias ao encontro com as cidades visitadas e a maneira de viver dos habitantes. As cidades são retratadas sempre em contos curtos e levam nomes de mulheres, como por exemplo Ipásia, Tamara e Zoé, o que representa um traço emotivo entre o viajante e as cidades que descreve. Por descrever cidades fantásticas existentes no Império de Kublai, Marco Polo desperta a curiosidade do Imperador, que anseia por conhecer cada vez mais, a partir das descrições de Marco Polo, o seu vasto Império.

Calvino categoriza as cidades de acordo com suas principais características. Temos no total 11 (onze) categorias diferentes, cada uma contendo 5 (cinco) cidades, cujo esquema é apresentado na Figura 01 a seguir:

As CIDADES INVISÍVEIS

As cidades e a Memória	As cidades e o desejo	As cidades e os símbolos	As cidades delgadas	As cidades e as trocas	As cidades e os olhos
<b>1. Diomira</b>	<b>1. Dorotéia</b>	<b>1. Tamara</b>	<b>1. Isaura</b>	<b>1. Eufêmia</b>	<b>1. Valdrada</b>
<b>2. Isidora</b>	<b>2. Anastácia</b>	<b>2. Zirma</b>	<b>2. Zenóbia</b>	<b>2. Cloé</b>	<b>2. Zemrude</b>
<b>3. Zaíra</b>	<b>3. Despina</b>	<b>3. Zoé</b>	<b>3. Armila</b>	<b>3. Eutrópia</b>	<b>3. Bauci</b>
<b>4. Zora</b>	<b>4. Fedora</b>	<b>4. Ipásia</b>	<b>4. Sofrônica</b>	<b>4. Ercília</b>	<b>4. Fílide</b>
<b>5. Maurília</b>	<b>5. Zobeide</b>	<b>5. Olívia</b>	<b>5. Otávia</b>	<b>5. Esmeraldina</b>	<b>5. Moriana</b>
As cidades e o nome	As cidades e os mortos	As cidades e o céu	As cidades contínuas	As cidades ocultas	
<b>1. Aglaura</b>	<b>1. Melânia</b>	<b>1. Eudóxia</b>	<b>1. Leônia</b>	<b>1. Olinda</b>	
<b>2. Leandra</b>	<b>2. Adelma</b>	<b>2. Bersabéia</b>	<b>2. Trude</b>	<b>2. Raíssa</b>	
<b>3. Pirra</b>	<b>3. Eusápia</b>	<b>3. Tecla</b>	<b>3. Procópia</b>	<b>3. Maróssia</b>	
<b>4. Cláisse</b>	<b>4. Argia</b>	<b>4. Perínzia</b>	<b>4. Cecília</b>	<b>4. Teodora</b>	
<b>5. Irene</b>	<b>5. Laudômia</b>	<b>5. Ândria</b>	<b>5. Pentesiléia</b>	<b>5. Berenice</b>	

Figura 01 – Apresentação das Cidades Invisíveis de Italo Calvino

A narrativa que descreve as cidades por vezes é interrompida para apresentação de diálogos entre Marco Polo e Kublai Khan, este que está sempre muito curioso acerca da grandeza de seu Império; mas apesar disso, é possível perceber que, em relação à leitura das cidades a narração do livro não é linear, sendo as cidades apresentadas em forma de contos sem nenhuma ordem cronológica clara, o que permite ao leitor a “entrada” em qualquer ponto do livro. Há uma grande simbologia por trás deste modelo de apresentação, pois a ordem como são apresentadas as cidades revela-nos uma das formas de leitura do livro, mas não a única. Tal estrutura pode ser comparada à estrutura das próprias cidades, que possuem diversas entradas e o “viajante” pode escolher qualquer uma delas; e cada uma apresenta uma maneira diferente de vivenciar a cidade. As Cidades Invisíveis são numeradas na obra literária conforme aparece na Figura 01, mas tal numeração não é seguida da maneira tradicional (1, 2, 3, 4...). Temos, na realidade, a seguinte ordem:

1. Diomira; 2. Isidora; 1. Dorotéia; 3. Zaíra; 2. Anastácia; 1. Tamara; 4. Zora; 3. Despina; 2. Zirma; 1. Isaura; 5. Maurília; 4. Fedora; 3. Zoé; 2. Zenóbia; 1. Eufêmia...

Tal organização não fica clara na obra pois, a princípio, o leitor tem a impressão de que a narrativa segue aleatória, com números fora de ordem. Percebe-se facilmente que existe a numeração de 1 a 5 e que as cidades estão estruturadas em uma

hierarquização maior (As cidades e a memória; As cidades e o desejo, etc), mas sua ordem de organização não fica clara, e deve ser desvendada pelo leitor.

Essa categorização é realizada de maneira a promover com que cada grupo de cidades apresente características específicas. Temos a seguir um resumo do que cada categoria pretende transmitir, além de trechos da descrição de algumas dessas cidades para melhor compreensão de sua categorização, assim como para demonstrar atributos do estilo literário de Calvino:

- *As cidades e a memória* remetem à presença do sítio e à influência do passado;
- 2. Isidora: “Na praça, há o murinho dos velhos que vêm a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações”. (Calvino, 1990: 6)
- *As cidades e o desejo* tratam da motivação inconsciente e da ação sobre a memória;
- 4. Fedora: “Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas, enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes e o que até ontem havia sido um possível futuro hoje não passava de um brinquedo numa esfera de vidro”. (Calvino, 1990: 16)
- *As cidades e os símbolos* tratam da linguagem da subconsciência e da imagem da cidade;
- 3. Zoé: “Chega-se à seguinte conclusão: se a existência em todos os momentos é uma única, a cidade de Zoé é o lugar da existência indivisível. Mas então qual é o motivo da cidade? Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos?” (Calvino, 1990: 17)

– As *cidades delgadas* representam a busca pelo desprender da terra, a negação da imobilidade;

2. Zenóbia: “Agora contarei o que a cidade de Zenóbia tem de extraordinário: embora situada em terreno seco, ergue-se sobre altíssimas palafitas, e as casas são de bambu e de zinco, com muitos bailéus e balcões, postos em diferentes alturas, com andas que superam umas as outras, ligadas por escadas de madeira e passarelas suspensas, transpostas por belvederes cobertos por alpendres cônicos, caixas de reservatórios de água, cata-ventos, desdobrando roldanas, linhas e guindastes”. (Calvino, 1990: 17)

– As *cidades e as trocas* lidam com as relações entre os habitantes;

2. Cloé: “Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam”. (Calvino, 1990: 24)

– As *cidades e os olhos* remetem à visão individual e aos engodos;

1. Valdrada: “As duas cidades gêmeas não são iguais, porque nada do que acontece em Valdrada é simétrico: para cada face ou gesto, há uma face ou gesto correspondente invertido ponto por ponto no espelho. As duas Valdradas vivem uma para a outra, olhando-se nos olhos continuamente, mas sem se amar”. (Calvino, 1990: 24-25)

– As *cidades e o nome* remetem à identidade e ao sentido de lugar;

1. Aglaura: “Por isso, os habitantes sempre imaginam habitar numa Aglaura que só cresce em função do nome Aglaura e não se dão conta da Aglaura que cresce sobre o solo. E mesmo para mim, que gostaria de conservar as duas cidades distintas na mente, não resta alternativa senão falar de uma delas, porque a lembrança da outra, na ausência de palavras para fixá-la, perdeu-se”. (Calvino, 1990: 30)

- As *cidades e os mortos* tratam de engessamento, ciclo e fim de ciclo;
- 5. Laudômia: “Quanto mais a Laudômia dos vivos se povoa e se dilata, mais aumenta a quantidade de tumbas do lado de fora da muralha. As ruas da Laudômia dos mortos são largas apenas o bastante para que transite o carro fúnebre, e são ladeadas por edifícios desprovidos de janelas”. (Calvino, 1990: 59)
- As *cidades e o céu* trazem um ideal de perfeição e o cosmos.
- 2. Bersabéia: “Em Bersabéia, transmite-se a seguinte crença: que suspensa no céu exista uma outra Bersabéia, onde gravitam as virtudes e os sentimentos mais elevados da cidade, e que, se a Bersabéia terrena tomar a celeste como modelo, elas se tornarão uma única cidade”. (Calvino, 1990: 47)
- As *cidades contínuas* evocam a antropofagia, a destruição do meio;
- 5. Pentesiléia: “Se você acredita nisso, engana-se: Pentesiléia é diferente. Você avança por horas e não sabe com certeza se já está no meio da cidade ou se permanece do lado de fora. Como um lago de margens baixas que se perde em lodaçais, Pentesiléia expande-se por diversas milhas ao seu redor numa sopa de cidade diluída no planalto”. (Calvino, 1990: 67)
- As *cidades ocultas* falam da natureza humana e sua dualidade;
- 2. Raíssa: “Dentro das casas é pior, e não é necessário entrar para sabê-lo: no verão, as janelas ribombam de brigas e pratos quebrados. Todavia, em Raíssa, sempre há uma criança que da janela sorri para um cão que pulou num alpendre para comer um pedaço de polenta que caiu das mãos de um pedreiro”. (Calvino, 1990: 63)

Por fim, para finalizar a análise da obra literária, focamos na compreensão de uma das mais fortes simbologias do livro, e que complementa nossas análises: Kublai Khan, em um dos diálogos com Marco Polo, pergunta-lhe sobre Veneza, pois o

viajante descreve tantas cidades de seu império, mas jamais lhe falou sobre Veneza. Marco Polo então explica que, ao falar de todas essas cidades, estava justamente falando sobre Veneza. No trecho a seguir podemos perceber a explicação de Marco Polo:

- Resta uma (cidade) que você jamais menciona. Marco Polo abaixou a cabeça.
- Veneza - disse o Khan. Marco sorriu.
- E de que outra cidade imagina que eu estava falando? (...) Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza (Calvino, 1990: 36)

Como conclusão da presente análise, é possível perceber a mensagem passada a partir da obra. Todas as cidades apresentam várias faces que podem ser percebidas pelos diferentes habitantes, cada um a sua maneira. Calvino nos ensina que cada cidade existente é caracterizada por diversas *cidades invisíveis* com características diferentes, a depender do olhar do observador e do tipo de perspectiva que se tem sobre algum fato urbano analisado. É possível perceber características de várias das *Cidades Invisíveis* de Calvino em Brasília, pois a Capital Federal também apresenta diversas faces. Um exemplo é a cidade de Anastácia, uma das *Cidades e o desejo*. Marco Polo a descreve da seguinte maneira

Anastácia, cidade enganosa, tem um poder, que às vezes se diz maligno e outras vezes benigno: se você trabalha oito horas por dia como minerador de ágatas ônix crisóprasos, a fadiga que dá forma aos seus desejos toma dos desejos a sua forma, e você acha que está se divertindo em Anastácia quando não passa de seu escravo (Calvino, 1990: 8).

Aqui, podemos comparar a cidade de Anastácia com uma das possíveis faces de Brasília pelo fato de que, em muitas das cidades do DF, o trabalhador vem ao centro do poder todos os dias para trabalhar ou estudar, percorrendo longas distâncias para se sustentar e promover, em consequência direta, o próprio sustento e desenvolvimento da cidade. Poderia se fazer uma leitura pessimista dessa situação, pois como acontece com a cidade de Anastácia, o trabalhador também poderia ser escravo de Brasília. Uma das interpretações vem no sentido de que o trabalhador trabalha para manter Brasília o que ela é: cidade moderna, limpa,

organizada e planejada, mas não percebe que a cidade e o modelo de trabalho ao qual deve se submeter, transformou-o em escravo da cidade, e não admirador de sua beleza. Esta analogia pessimista é no sentido de que não é Brasília que vive para que seus habitantes existam, mas sim os habitantes devem se dedicar para que Brasília exista, muitas vezes por salários e condições que não são ideais. Tal modelo de exploração, claro, não é uma particularidade de Brasília, o que faz com que a nossa interpretação da *Cidade Invisível* de Anastácia comparada à Brasília possa ser aplicada a diversas outras cidades do mundo. E mesmo que exista essa interpretação pessimista que relaciona Anastácia com Brasília, poderíamos ter ainda interpretações que não enxergam Brasília nessa situação; ou ainda que façam uma análise positiva de Anastácia em relação à Brasília.

Assim como fizemos com a cidade de Anastácia, poderíamos citar outras cidades e realizar a comparação com Brasília em vários níveis, porém nossa proposta neste artigo não se encerra na análise e comparação das *Cidades Invisíveis* com nossas cidades contemporâneas. Ainda assim, para exemplificar o fato de como Brasília possui diferentes faces, ou seja, várias *Cidades Invisíveis*, podemos mencionar algumas dessas expressões para melhor compreensão do leitor. Existe a cidade político-administrativa; a cidade imaginada por quem vem de fora; a dos habitantes da Asa Sul e a dos habitantes de Santa Maria. Existe também a Brasília de quem anda a pé, de quem anda de carro e de quem anda de bicicleta. De quem odeia a cidade e de quem é apaixonado por ela. Existe a cidade incompreendida, e a cidade-modelo de arquitetura e planejamento, e a que é Patrimônio Cultural da Humanidade. Podemos citar ainda a cidade das injustiças sociais, ou das festas e eventos públicos. Há ainda a cidade do passado, que exalta o desbravamento do cerrado, os 50 anos em 5... E aquela explorada por nós, a Cidade do Grafite. São várias as faces da Cidade de Brasília, e todas podem ser vistas em conjunto ou separadamente. Algumas podem ser vistas com facilidade por um número maior de pessoas, enquanto outras faces podem permanecer ocultas para quase todos os habitantes.

Conforme já destacamos, objetivamos, por meio da linguagem do grafite como forma de arte urbana na cidade, explorar uma das várias faces da Cidade de

Brasília: a “Cidade do Grafite”. O grafite é um meio expressivo entre vários outros que a arte urbana engloba, e foi escolhido por nós para representar uma face da Capital Federal. A partir daí, surge a concepção de nosso produto, que consiste em escrever uma nova cidade aos moldes das *Cidades Invisíveis* de Calvino, utilizando Brasília e grafite como referência; e Calvino como inspiração.

## 2. A proposta

A partir de discussões e reflexões que têm como embasamento a obra literária *Cidades Invisíveis*, propomos a concepção de uma nova *Cidade Invisível*, tendo Brasília como objeto de estudo. A ideia é a produção de um conto literário. Seguimos aqui a conclusão de Calvino quando disserta que, descrevendo particularidades de cada traço da cidade, ou seja, cada *Cidade Invisível*, acaba por contar sobre Veneza, que contém várias cidades imersas na grande cidade. Este conceito, interpretando-se a obra literária, é aplicável a qualquer outra cidade. Assim como ocorre com Veneza, então, Brasília tem várias faces, e todas fazem parte de um todo principal, por vezes aparente apenas para parcelas da população. Para desenvolver nossa escrita à la Calvino, devemos considerar não apenas as estruturas físicas da cidade, mas também as relações entre seus habitantes e as características simbólicas da Capital Federal.

Brasília é a Capital do Brasil desde 21 de abril de 1960. A ideia da transferência da capital do Rio de Janeiro para o centro do país teve lugar ainda nos tempos do império, prevista na Constituição de 1881, mas somente concretizada no governo de Juscelino Kubitschek, tendo sua construção iniciada em 1957. Tal medida se tornou economicamente e estrategicamente possível naquele contexto do país, como nos mostra Aldo Paviani, quando afirma que “A construção de um ‘centro político nacional’ não é um fato isolado que ocorre em nível puramente ideológico; pelo contrário, ele tornou-se viável, nos anos 1950, dada uma determinada conjugação das forças sociais então existentes” (Paviani, 2010: 27).

A cidade planejada foi criada, construída e enfim cresceu, desenvolvendo-se de diversas maneiras. Podemos perceber que os habitantes guardam relações diferentes com a cidade e, para escrever esta nova *Cidade Invisível*, seria

necessário perceber uma das faces da cidade descrita pelos próprios habitantes, o que se caracterizaria como uma demonstração única de história urbana.

Escolheu-se, então, uma das características da cidade que se fizesse presente em suas estruturas e que envolvesse o caráter popular, ou seja, não se planejava aqui escrever uma *Cidade Invisível* de Brasília a partir de relatos históricos ou descrições de artigos acadêmicos. Tais propostas são igualmente interessantes e importantes para a história da cidade, mas pretendia-se a elaboração do conto a partir de um olhar humano da cidade, da própria vivência dos habitantes. A proposta é contar a história daquelas pessoas que se manifestam através da cidade sem que haja, da parte delas, um intuito obrigatório de fazer ciência, mas apenas de tornar-se visível e se expressar enquanto ser habitante na cidade. Decidiu-se, portanto, contar uma das faces da cidade de Brasília que se manifesta a partir da arte – a Cidade arte do Grafite.

## 2.1 Metodologia

Nosso método consistiu, a partir da proposta de elaboração de um conto literário com base na obra de Calvino, em exploração de uma das linguagens da arte urbana – o grafite, e da *internet* para capturar imagens na *web* que contam, a partir dos registros dos próprios habitantes, uma das histórias da cidade de Brasília. A tecnologia, em especial o ambiente digital como forma de navegar e vivenciar a cidade, configura-se como uma maneira de se fazer o papel de “viajante”, como o fez Marco Polo em *Cidades Invisíveis*, mas aqui esta viagem se dá por meio da navegação no ambiente digital, configurando-se como o método utilizado para coleta das fotografias que representam a história que conta esta *Cidade Invisível*.

Para isto, a proposta foi a busca por fotografias relacionadas ao grafite urbano, capturando imagens divulgadas pela rede social *Instagram*. Por meio de buscas por *hashtags* específicas a fim de encontrar as imagens de grafite divulgadas pelos habitantes nas redes sociais, foi possível descobrir diversas frases estampadas nos muros da cidade, seja de cunho social, político, cultural, ideológico, artístico ou poético. Para os artistas grafiteiros, esta manifestação pretende transmitir uma mensagem por meio dos muros da cidade, ilustrando uma das tantas relações

possíveis entre cidade e habitante. A partir da compilação dessas imagens, realizamos a escrita de uma nova *Cidade Invisível* que traria justamente a percepção momentânea, artística e íntima de uma das várias faces de Brasília, que é vista e escrita pelos habitantes nas próprias estruturas físicas da cidade, além de compartilhada – contada pelas redes sociais. Nesta linha de raciocínio e de acordo com o pensamento de Isabel Silveira,

a cidade deve ser lida como espaço propício para uma mobilidade de mosaicos em trânsito; pode ser compreendida no encontro de histórias múltiplas do cotidiano, onde a situação humana se faz pela força criadora. (Silveira, 2010: 45).

A autora nos apresenta uma função da cidade simbólica, que é uma das várias faces que uma cidade pode ser contemplada e vivenciada. Nossa pesquisa tem a finalidade de expor uma das visões da cidade de Brasília, explorando principalmente seu lado simbólico por meio do grafite.

Os registros fotográficos capturados por nós são intencionalmente tendenciosos, já que mostram visões pessoais da cidade. Este é justamente o conceito apresentado em *Cidades Invisíveis*, onde Calvino, ao discorrer sobre as cidades de maneira fantástica, promove a exposição de características de uma das faces da grande cidade de Veneza. Essas percepções são subjetivas e momentâneas, pois se apresentam como o resultado da relação entre a cidade e o habitante em um momento específico e de acordo com suas impressões pessoais.

Com relação à proposta literária como produto final, a lógica de construção do conto que ilustra esta nova cidade pretende conservar elementos da narrativa de Calvino, principalmente em relação à estrutura do texto e às figuras de linguagem, assim como a proposta de desfragmentação da cidade.

### **3. Arte urbana – o grafite**

As intervenções urbanas gráficas, principalmente com utilização de grafite, cartazes, pinturas etc. que são realizadas pelos próprios habitantes possuem

linguagem própria e podem abarcar campos de significação política, social, cultural e artística, o que representa a percepção do habitante sobre a cidade, contando por meio das estruturas urbanas que sofreram a intervenção uma espécie de história não oficial da cidade.

Desta maneira, arquitetura e arte se fundem em uma narrativa pessoal, onde as marcas deixadas na cidade ficam expostas ao observador. Artista e habitante se confundem, o que se traduz em uma grande intervenção artística e literária, com intuições diversos, mas que causam transformações na paisagem urbana. Segundo Nelson Peixoto, “As relações com o lugar tornam-se um componente indissociável da obra de arte” (Peixoto, 2012: 20), e a relação do habitante com a cidade de Brasília certamente promove, a partir das características da cidade e do cidadão, intervenções que resultam em uma história da cidade contada pelos próprios habitantes.

Em nossa pesquisa não propomos novas intervenções, mas sim o estudo do que a cidade já nos conta em suas paredes, muros, estátuas e calçadas. Sobre a arte na cidade, Kevin Lynch organiza suas ideias na defesa da própria *Cidade Arte*, pois “no ambiente em que vivemos, podemos começar por adaptar o próprio espaço ao padrão perceptivo e ao processo simbólico do ser humano.” (Lynch, 2011: 105-106). Nesta mesma linha de raciocínio, mas analisando mais a fundo a função social da arte urbana, segundo Vera Pallamin,

A arte urbana é uma prática social. Suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos o trato com significados sociais que as rodeiam, seus modos de tematização cultural e política. (Pallamin, 2009: 23-24)

Assim, em uma cidade onde cabem muitas *Cidades Invisíveis* e a imagem delas depende da relação com o observador, a cidade de Brasília vivenciada, transformada e descrita nas ruas pelos habitantes é um reflexo de uma dessas tantas manifestações, demonstrando as relações existentes entre habitante e cidade, apresentando-se, enfim, como uma das imagens da cidade. Uma das manifestações de Arte Urbana presente nas estruturas de Brasília e que faz parte

de sua cultura urbana é justamente a linguagem do grafite como meio de comunicação e de personalização da cidade pelos seus habitantes. De acordo com a proposta de Calvino, consideramos que esta representação pode ser entendida como uma das *Cidades Invisíveis* de Brasília, classificada por nós como “A Cidade do Grafite”.

Para escrever a Cidade do Grafite, escolhemos uma das categorias das *Cidades Invisíveis* de Calvino como apoio literário, e percebemos que As *Cidades e os Símbolos* é a que mais trata da imagem da cidade e de artefatos que “se mostram como uma coisa, mas que querem dizer outra coisa”. Esta categoria foi escolhida para inspiração em nossa escrita justamente por toda a simbologia que se encontra presente nos muros das cidades por meio do grafite, com diversos significados simbólicos e várias interpretações possíveis, a depender da carga cultural e percepção do observador.

#### **4. As cidades e os símbolos – a 6ª cidade**

Conforme já salientamos, Calvino dividiu as suas *Cidades Invisíveis* em onze categorias, cada uma contendo 5 cidades. Uma das categorias é As *Cidades e os Símbolos*, que trata da linguagem da subconsciência e da imagem da cidade. A imagem que a cidade passa para os habitantes é proporcionada em Brasília também pela linguagem do grafite, além de guardar em si a possibilidade de ser um diálogo entre habitantes onde o meio é a própria cidade.

As Cidades e os Símbolos de Calvino são:

1. *Tamara* – Os olhos não vêem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas. (...) O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (Calvino, 1990: 8)
2. *Zirma* – A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir. (Calvino, 1990: 11)

3. Zoé – a cidade de Zoé é o lugar da existência indivisível. Mas então qual é o motivo da cidade? Qual é a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos? (Calvino, 1990: 17)

4. Ipásia – De todas as mudanças de língua que o viajante deve enfrentar em terras longínquas, nenhuma se compara à que o espera na cidade de Ipásia, porque não se refere às palavras mas às coisas. (Calvino, 1990: 21)

5. Olívia – jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles. (Calvino, 1990: 27)

Já que a linguagem do grafite na arte urbana representa uma maneira para se expressar na cidade, as *Cidades* e os *Símbolos* foram a categoria de Calvino que nos inspirou para a criação desta nova *Cidade Invisível* de Brasília. Além disso, e tratando-se ainda de simbologia, ao se realizar a leitura do que está escrito e/ou representado nos muros da cidade, deve-se aprender, como pesquisadora / viajante, a decifrar esses símbolos.

#### 4.1 As imagens

A coleta das imagens decorreu de maneira a explorar a vertente artístico-urbana da cidade, capturando fotografias de Brasília pelo aplicativo *Instagram* a partir de hashtags que fizessem referência à Brasília e ao grafite. As hashtags são maneiras de mapeamento virtual com a finalidade de encontrar informações específicas na web. Em consequência, torna-se uma maneira de explorar a cidade em sua face digital, que é fotografada por seus habitantes e compartilhada no ambiente virtual.

As hashtags utilizadas para encontrar a Cidade do Grafite foram:

- #arteurbanabsb
- #bsbgrafitti
- #grafittibsb
- #grafittibrasilia
- #bsbarteurbana

Como resultado, a pesquisa por *hashtags* encontrou demonstrações diversas de arte urbana por meio do grafite presentes na cidade. Esta etapa da pesquisa, caracterizada pela navegação *web* e compilação de imagens, é caracterizada pela própria descrição e compartilhamento da cidade vista por seus habitantes, e a coleta seguiu alguns requisitos a fim de se ter maior controle sobre as variáveis, como explicaremos a seguir.

Definiu-se, a título de pesquisa, que a exploração pela pesquisadora / viajante em busca de imagens se daria apenas em meios digitais, pela navegação por *hashtags*, já que o que se queria alcançar eram expressões artísticas que se tornariam fotografias divulgadas pelos habitantes, o que concretizaria a opinião de mais de um habitante sobre a cidade (no caso, o artista e o utilizador da rede social). Assim, coube ao artista lançar a ideia / inquietação nas paredes da cidade, ao internauta realizar a divulgação e à pesquisadora, enfim, realizar a compilação dos elementos. Além disso, consideramos que o ambiente digital é mais uma camada do ambiente urbano, conforme defende Caio Vassão quando propõe que

a Computação Ubíqua seja considerada concretamente como mais uma camada do Ambiente Urbano, em que a computação esteja inextricavelmente ligada à maneira como compomos o espaço, os deslocamentos, as viagens, as permanências, etc., enfim, nossa interação com o espaço urbano. Podemos, dessa maneira, até mesmo considerar que é corolário da disseminação da Realidade Aumentada em grande escala, e promoveria uma espécie de “Ambiente Urbano Aumentado” (Vassão, 2008: 32)

Assim, realizando-se um paralelo entre o pensamento de Vassão (2008) e a obra de Calvino (1972), podemos perceber o ambiente digital como também uma das faces de Brasília, com características próprias e meios de interação específicos.

É possível perceber um paralelo ainda com a visão de Néstor Canclini (2010) em *Imaginários Urbanos*. O autor, a partir de sua proposta de divisão da cidade em várias subcidades, defende que os cidadãos acabam desenvolvendo pertencimento e afeto com apenas algumas partes da cidade, ou seja, com sua própria *Cidade Invisível*. O grafiteiro, quando se expressa por meio de sua arte e transofrma a cidade, é capaz de se apropriar daquele espaço, desenvolvendo uma relação afetiva com o local,

podendo ser manifestações de revolta, carinho, reflexão ou admiração a partir do grafite. Canclini (2010), como método de pesquisa, também utiliza a ferramenta fotografia para traçar os imaginários urbanos, o mesmo artifício que foi utilizado aqui por nós para coleta e formação da nova *Cidade Invisível*.

Outro requisito foi o estilo das imagens coletadas. Na busca pelas imagens, selecionamos apenas aquelas que contemplassem frases ou palavras, já que a coleta se trata, além de significação visual, também significação textual para a escrita do conto. Mesmo que a arte não escrita nas ruas transmita muitos significados bastante ricos e cheios de interpretação, a nossa intenção é trabalhar com transcrição direta da mensagem, e apenas aquelas imagens em que frases ou palavras fizessem parte do conjunto foram consideradas. Ainda assim, é impossível descartar os elementos visuais não textuais que envolvem a mensagem, e devido à riqueza desses elementos, como formas, cores, representações e até mesmo os locais escolhidos para a arte do grafite, tais elementos foram considerados a título de inspiração para a escrita da nova *Cidade Invisível*. A seguir temos a coletânea de algumas imagens encontradas.

#### 4.2 Coletânea de imagens





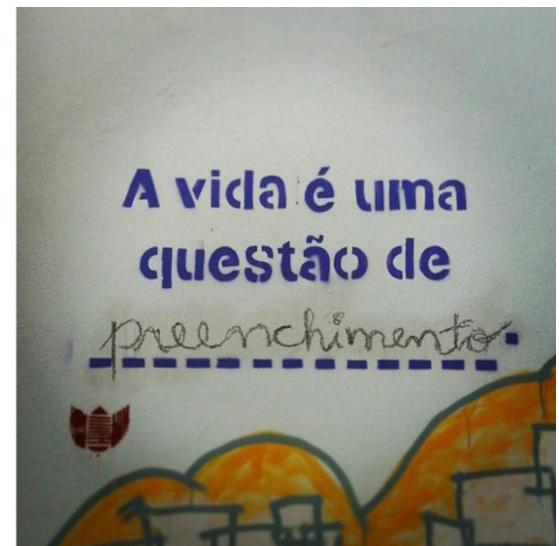






Figura (s) 02 – Coletânea de imagens. Fonte: reprodução Instagram de usuários diversos

#### 4.3 Percepção Pessoal

Além da percepção dos habitantes acerca da própria cidade, também coube aqui a percepção da pesquisadora que, ao descrever a cidade, apresenta suas próprias ideias e impressões como viajante. As visões e vivências da pesquisadora foram justamente o que fez possível a juncção entre elementos e frases presentes nas imagens de manifestações em grafite coletadas; além de características vividas e percebidas pessoalmente acerca de Brasília.

Para a concepção do conto e consequente descrição da nova *Cidade Invisível*, as impressões dos grafiteiros materializadas em grafite foram como depoimentos desses habitantes para entendimento da Cidade do Grafite, e a compilação de imagens juntamente com as impressões pessoais da pesquisadora / viajante resultou na descrição desta nova cidade.

Além das frases e palavras registradas em fotografias, alguns elementos visuais e gráficos foram considerados para as descrições, pois ajudaram a compor o produto literário que foi o resultado deste trabalho. A dicotomia entre o concreto e a natureza presente nas imagens foi ainda um auxílio para a descrição da cidade, assim como a constante presença do grafite nas passarelas subterrâneas de Brasília, que foram usadas também como elemento de inspiração. Elementos da

natureza como o céu e o cerrado, que são marcas simbólicas fortes da Capital Federal, foram também apreciados.

Podemos considerar que ao agregar à nossa pesquisa a proposta das *Cidades Invisíveis* como sendo de interpretação universal, com características que cabem a diversas cidades contemporâneas, percebemos que, o mesmo tempo que descrevemos intencionalmente Brasília, é possível que habitantes de Brasília não encontrem em nosso conto a presença de suas vivências na cidade, assim como há a possibilidade de habitantes de outras cidades, ao lerem o conto, observarem experiências de seu dia a dia nesta Cidade do Grafite descrita por nós. Por fim, ao descrever esta face de Brasília, estamos escrevendo também sobre outras cidades, e, para alguns leitores, podemos ainda não estar falando sobre Brasília de modo algum. Esta possibilidade de se realizar um paralelo entre as *Cidades Invisíveis* com qualquer cidade é uma interpretação da obra de Calvino que foi apropriada por nós.

Chamamos a *Cidade Invisível* do grafite de Brasília de *Artísia*, que seria a união das palavras *Arte* e *Brasília*, representando o grafite como uma das manifestações da arte urbana, e seguindo a proposta de Calvino quando Marco Polo, ao falar de Veneza, nunca usava o nome da cidade, mas sim nomes de mulheres imaginados que caracterizavam traços da cidade.

A seguir temos o conto escrito por nós “Artísia – A Sexta Cidade e os Símbolos”.

### **5. Artísia – A Sexta Cidade e os Símbolos**

Caminhando pelo cerrado em direção ao céu, chega-se a Artísia, cidade que para se chegar de fato era preciso atravessar longos túneis à procura de uma escada onde, enfim, estava a cidade. Os habitantes que passam pelo túnel não se veem, e pedem por mais garbosidade. Atravessando o túnel e subindo as escadas vacilantes, a relva verde da cidade enfim se acende, e amoras, jacas e jamelões enchem a vida pós-túnel. A vida na Artísia-Relva é um sonho, e os habitantes possuem tantas faces quanto se possa contar. Homens mágicos que se equilibram em rodas lançando objetos ao ar podem ser encontrados nos cruzamentos e

tesouras que cortam Artísia, assim como mulheres apressadas que saltitam por cordas suspensas presas às árvores.

Toda essa agitação, porém, não é capaz de esconder outra característica da cidade: a tranquilidade em meio à agitação. Os habitantes da Artísia-Relva moram em blocos de concreto que flutuam, e podem passar livremente por baixo, sem medo de que esses blocos desabem em suas cabeças. Essas residências suspensas não têm grades, e os homens e mulheres mágicas contam que às vezes os sonhos de cada habitante passam pelas grades que ficam fora da cidade, vindo se concretizar na Artísia-Relva. O sonho faz parte da identidade da cidade e, enfim, Artísia se torna um deserto de rostos conhecidos onde, por meio do próprio sonho que enche os blocos voadores, as flores nascem do concreto.

Porém, ao cair da noite, a volta pelos túneis faz-se necessária e os habitantes descobrem que para se ter amor, o preço é outro. A caminhada solitária pelos túneis não é tão agradável quanto à vida na Artísia-Relva e, perdidos na escuridão em busca da próxima escada, conta-se que desde os mais solitários, os mais desesperados, até os mais sonhadores habitantes se perderam no abismo que era pensar e sentir.

## 5.1 Entendendo os elementos

### 5.1.1 *Frases coletadas a partir das fotografias*

- A vida é um sonho
- Mais garbosidade
- Tranquilidade
- Quantas faces a cidade tem?
- Os sonhos passam pelas grades
- Brasília é um deserto de rostos conhecidos
- As flores nascem do concreto
- Por amor o preço é outro
- Ela se perdeu no abismo que é pensar e sentir

### 5.1.2 *Elementos da natureza de Brasília*

- O cerrado, que é a vegetação local. No texto, trata-se de referência geográfica para entrada na cidade e de fato, geograficamente, por qualquer lugar do país que se queira chegar a Brasília, passar pelo Cerrado é situação obrigatória.
- O céu de Brasília, que é reconhecidamente belo por grande parte das pessoas e, com isso tornou-se um elemento que caracterizasse a Capital Federal. Livros de fotografias e páginas eletrônicas que enaltecem o céu de Brasília são constantemente motivo de orgulho para os habitantes. Outro exemplo de valorização do céu é a Praça do Cruzeiro, local privilegiado para observar o por do sol que virou ponto atrativo de observação, reunindo habitantes e turistas.

### 5.1.3 *Elementos típicos e elementos não textuais encontrados nos grafites*

- Travessia por longos túneis: aqui cabe interpretação do leitor. Ao mesmo tempo em que configura as passarelas subterrâneas sob o Eixão (que é uma das principais vias da cidade), que promovem a travessia a pé pela cidade, também pode significar o trajeto de metrô, que liga Brasília às outras cidades do Distrito Federal.
- Artísia-Relva: faz clara referência ao grande espaço aberto da cidade, que possui muito espaço verde.
- Blocos de concreto que flutuam: aqui temos duas referências, uma sendo a linguagem da cidade, onde prédios residenciais são chamados de 'blocos'; e a segunda referência vem do fato de que estes blocos possuem pilotis, que são pilares de sustentação dos prédios residenciais. A circulação por baixo dos prédios é livre, inclusive de acordo com o projeto de construção da cidade, não podendo haver fechamento ou qualquer tipo de impossibilidade de circulação.
- Tesouras: refere-se a um tipo comum de pista rodoviária, muito presente em Brasília, que liga avenidas principais (eixinhos e eixão).

Essa junção dos elementos para elaboração do texto de uma das *Cidades Invisíveis* que pode ser percebida em Brasília, somente foi possível graças a observações pessoais, comparação entre os elementos da obra de Calvino e elementos da cidade de Brasília; além da participação da população, ou seja, dos próprios habitantes da cidade. Essa participação foi completamente involuntária e ao mesmo tempo espontânea, o que garantiu veracidade e naturalidade na escrita dessa *Cidade Invisível*.

## 6. Considerações finais

Brasília possui diversas faces de acordo com as várias vivências que são possíveis na cidade. Dentre as várias possibilidades de enxergar a cidade de Brasília, devem-se considerar as peculiaridades do momento de análise assim como finalidades da pesquisa como fortes fatores de influência, assim como questões sociais, econômicas e culturais; além das particularidades existentes em cada cidadão que faz parte da cidade.

A escolha de *Artísia*, a “Cidade do Grafite” para estudo e descrição não foi por acaso, pois a ideia era justamente focar em uma característica forte de algum movimento de apropriação da cidade. O resultado, a obra literária em forma de conto, nada mais é do que frases compiladas de maneira a fazer sentido na descrição da autora / viajante, transformando os textos que os próprios habitantes da cidade fornecem em um conto que é capaz de existir como história coerente, mas ainda assim sendo fantástico e imaginário. Além das palavras, formas visuais e elementos inerentes à cidade foram considerados. Apesar da fantasia, é possível reconhecer elementos típicos da cidade de Brasília, assim como é possível perceber a inspiração proveniente das *Cidades Invisíveis* de Calvino.

A partir de nossa intervenção literária, percebemos a importância de entender o que alguns habitantes específicos da cidade têm a dizer e como se expressam, além de perceber a importância do ambiente digital, que promove a rápida disseminação da informação pela rede, o que faz com que as fotografias e demais informações disponíveis na web possam chegar aos habitantes da cidade e também aos forasteiros com uma velocidade incrível. Por fim, esperamos que a partir de nossa

contribuição a prática literária seja incentivada, e que, a partir da metodologia utilizada, possamos ter outras *Cidades Invisíveis* brasileiras descritas pelos seus habitantes e presentes nas ruas da cidade.

## Referências

- BILÁ, Gabriela. *O novo guia de Brasília = The new guide to Brasília* / Gabriela Bilá ; tradução: FriendlyCheesecake. – Brasília : Ed. do Autor, 2014.
- BRUZZESE, Antonella. Plano Piloto e Região Central: espaços públicos em Brasília. In *Brasília 50 + 50 : cidade e projeto* / Luciana Sabóia e Maria Fernanda Derntl, org. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2014.
- CANCLINI, Néstor García. *Imaginarios urbanos* – 4<sup>a</sup> ed. – Buenos Aires : Eudeba, 2010. 184.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LYNCH, Kevin (1960). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PALLAMIN, Vera M. *Arte Urbana* ; São Paulo : Região Central (1945 - 1998): obras de caráter temporário e permanente / Vera Maria Pallamin - São Paulo, Fapesp, 2000.
- PAVIANI, Aldo. O estado, a questão territorial e as bases da implementação de Brasília. In *Brasília, ideologia e realidade : espaço urbano em questão*. \_\_\_\_\_ (org). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2<sup>a</sup> edição, 2010.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Intervenções urbanas: Arte/Cidade* / Nelson Brissac Peixoto. – 2<sup>a</sup> ed. – São Paulo : Editora Senac São Paulo / Edições SESC SP, 2012.
- RELATÓRIO do Plano Piloto de Brasília/elaborado pelo ArPDF, CODEPLAN, DePHA. – Brasília: GDF, 1991. 76p., il. Disponível em: [http://brasiliapoetica.blog.br/site/media/relatorio\\_plano\\_piloto\\_de\\_brasilia\\_web2.pdf](http://brasiliapoetica.blog.br/site/media/relatorio_plano_piloto_de_brasilia_web2.pdf). Acesso em junho de 2015.
- SABÓIA, L.; DERNTL, M.F. (orgs.). *Brasília 50 + 50 : cidade e projeto*. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2014.
- SILVEIRA, Isabel Orestes. *Impactos Socioculturais, espaços urbanos e design*. Universidade Presbiteriana Mackenzie ; São Paulo – 2010
- VASSÃO, Caio Adorno. *Arquitetura Livre : Complexidade, Metadesign e Ciência Nômade* / 1v. – São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2008.

*Artigo recebido em julho de 2015. Aprovado em novembro de 2015*